



## Arquitectura

### Um símbolo do poderio germânico

A impressão de poder transmitida pelo Castelo de Haut-Koenigsbourg é dada tanto pela sua extensão, que abrange uma superfície de 1,5 hectares, como pela **disposição em socacos das massas de grés (rocha argilosa de tons rosados)**.

A sua construção foi marcada por três grandes épocas. Do século XII até à primeira metade do século XV foram vários os ocupantes que se estabeleceram no castelo.

A partir de 1479, foi **reconstruído para ser adaptado à artilharia**, com uma muralha exterior na zona de quebra do declive da encosta, para impedir o posicionamento dos canhões inimigos, um terraço de artilharia e torres defensivas de grossas paredes. A zona reservada à residência foi igualmente remodelada, com janelas rectangulares, janelas de sacada<sup>3</sup>, etc.

O início do século XX foi marcado pela reconstituição do castelo quatrocentista, após dois séculos e meio de abandono.

O relativo bom estado de conservação das ruínas levou à sua classificação como monumento histórico em 1862.

O arquitecto Bodo Ebhardt, apaixonado pela Idade Média e por fortificações, orientou com saber e método a restauração do Haut-Koenigsbourg. Em 1900, a altura das paredes que se mantinham de pé atingia em muitos casos o nível dos balestreiros, estando as abóbadas ainda parcialmente conservadas. Foi dessa forma que Bodo Ebhardt pôde recuperar a volumetria dos séculos XV e XVI. Apenas algumas das zonas mais altas e os telhados tiveram de ser imaginados pelo arquitecto.

Desta reconstituição verosímil nasceram numerosas controvérsias, a propósito, por exemplo, da multiplicação dos caminhos de ronda cobertos, ou da torre de menagem.

Não obstante, o actual Haut-Koenigsbourg é representativo da arquitectura das fortalezas acasteladas dos séculos XV e XVI do Sul da bacia renana.

<sup>3</sup> **Janelas de sacada** - Pequenas janelas perpendiculares à janela principal de cada lado.

## A restauração

O actual castelo de Haut-Koenigsbourg é fruto de uma restauração minuciosa, levada a cabo no começo do século XX pelo arquitecto **Bodo Ebhardt**, seguindo as orientações do imperador **Guilherme II de Hohenzollern**, com o objectivo de fazer do castelo não uma residência imperial mas um museu da Idade Média.

Guilherme II pretendia convertê-lo em símbolo do Império ressuscitado e do passado germânico na Alsácia. Bodo Ebhardt procedeu à sua restauração baseando-se num levantamento rigoroso das ruínas, num estudo fotográfico e em observações arqueológicas, históricas e arquitectónicas muito aprofundadas, respeitando os traços românicos ainda visíveis. Além disso, documentou-se longamente, visitando numerosas fortalezas acasteladas da Europa.

A partir de todos estes elementos, Bodo Ebhardt apresentou o seu projecto de restauração ao Imperador Guilherme II, que lhe deu o seu acordo.

O Imperador visitava o estaleiro todos os anos para avaliar a evolução dos trabalhos.

No Salão de Festas, mandou eliminar a restauração do andar superior, com a finalidade de dispor de um espaço muito mais amplo.

Contudo, foram formuladas algumas críticas em relação ao trabalho do arquitecto, quanto à inclinação dos telhados, à utilização generalizada de telhas para as coberturas ou à reconstrução de um moinho de vento e não de uma atafona.

O mobiliário, bem como as armas, foram adquiridos no início do século, a fim de **ilustrar a vida e a evolução do armamento** desde os finais da Idade Média até à Guerra dos Trinta Anos (1618-1648).

As raras cópias existentes (entre as quais dois cofres e um fogão de sala) foram oferecidas ao castelo, pois permitiam evocar obras excepcionais.

Bien plus qu'un monument



## História

### Dos Hohenstaufen aos nossos dias

É provável que **Frederico de Hohenstaufen**, duque da Suábia, cognominado "O Zorlo", se tenha apercebido da importância estratégica da **montanha do Stophanberch** (com uma altitude de 755 m, estendendo-se de Oeste para Leste, perpendicularmente à planície), uma vez que este castelo aparece referido pela primeira vez no século XII.

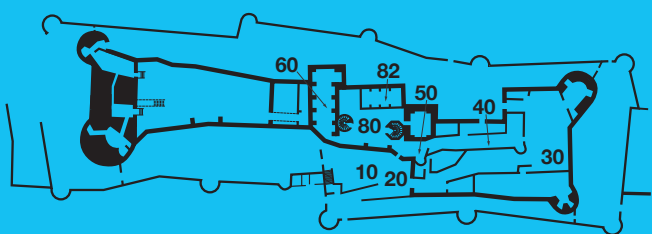
Este esporão rochoso encontrava-se na encruzilhada de importantes rotas comerciais: a rota do trigo e do vinho (de Norte para Sul) e a rota do sal e da prata (de Oeste para Leste). Tendo-se tornado propriedade dos **Habsburgos**, o castelo foi atribuído como feudo aos **Tierstein**, em 1479. Estes reconstruíram-no e dotaram-no de um sistema defensivo adaptado à artilharia. Durante a Guerra dos Trinta Anos, o **capitão Philippe de Liechtenau** resistiu mais de um mês aos ataques dos suecos, mas o castelo acabou por ser pilhado, sendo depois incendiado. Depois destas peripécias, a fortaleza passou por mais de dois séculos e meio de abandono.

Em 1865, juntamente com a floresta vizinha, passou a fazer parte do património da cidade de **Sélestat**. Esta ofereceu as suas ruínas, notavelmente conservadas, ao imperador alemão **Guilherme II de Hohenzollern**, em 1899 (a Alsácia encontrava-se sob administração alemã desde 1871).

**Guilherme II** confiou a restauração do Haut-Koenigsbourg ao arquitecto Bodo Ebhardt entre 1900 e 1908.

Os acabamentos e a aquisição de colecções prosseguiram até 1918.

Com a assinatura do **Tratado de Versalhes** (1919), a França tornou-se proprietária dos bens da coroa alemã, ficando na posse do Haut-Koenigsbourg.



A numeração dos pisos corresponde à que se encontra indicada na planta e no audioguia.

## Siga o guia

Depois de franquear a **porta de entrada [10]** com as armas dos Tierstein, podemos ver, à direita, uma parede amuralhada pouco espessa (séculos XV-XX) e, à esquerda, o edifício sul, sobre o esporão rochoso (séculos XII-XX).

Passada a **grade levadiça [20]**, penetramos no **pátio inferior [30]**, tendo, à direita, as cavaliçadas e o conjunto dos edifícios que asseguravam ao castelo a sua autonomia. Ao meio, vemos a cópia de uma fonte do século XV que se encontra conservada em Eguisheim.

O único acesso à residência é feito pela torre, e depois por uma **escada [40]** protegida por seteiras.

Esta disposição obrigava os assaltantes a avançarem por baixo das seteiras da rampa. A porta e a ponte levadiça por cima do fosso constituem os últimos obstáculos antes de chegarmos à residência.

### O pátio

O **poço [50]**, com 62 metros de profundidade, foi fortificado para não ficar separado da residência por ataques de artilharia.

A galeria dá acesso à **despensa [60]**, cujo comprimento nos indica a largura do esporão rochoso sobre o qual o castelo está construído.

No **pátio interior [80]** as galerias em madeira, do lado Sul, foram reconstruídas, apoiadas em suportes de pedra já existentes. As **cozinhas [82]**, na residência norte, com uma pia e duas chaminés, estavam ainda bem conservadas antes da restauração.

A escada poligonal dá acesso à torre de menagem e às escadas de caracol norte e sul, que fazem a ligação aos aposentos.

### Segundo piso

No segundo piso da **residência norte [90]**, os lambris asseguram um melhor isolamento.



Foram previstas banquetas junto das janelas para aproveitar a luz.

O fogão de sala é formado por duas placas de ferro fundido recuperadas nas escavações.

Na **residência oeste [100]**, no tecto da Sala do Kaiser, uma águia imperial e vários brasões assinalam o carácter político desta divisão. Os frescos são de Léon Schnug. Ao fundo desta sala, também chamada Salão de Festas, encontra-se uma tribuna que indicia a altura original das salas.

O mobiliário do **Quarto Lorraine [110]** é proveniente da província com o mesmo nome (Lorena), e foi oferecido ao Imperador pelos lorenos.

Pela escada de caracol da **residência sul [130]** acede-se à tribuna da capela.

Ao lado, os aposentos mais confortáveis do castelo, virados a Sul, dispõem de latrinas. Estas divisões são acessíveis passando de umas para as outras, ou então directamente, através da galeria exterior.

O fogão de sala, em ladrilhos amarelos, é constituído por peças que imitam os azulejos de fogão de sala que foram encontrados durante as escavações.

### Primeiro piso

Descendo uma escada de caracol voltamos ao piso inferior, onde encontramos as mesmas divisões que no andar de cima.

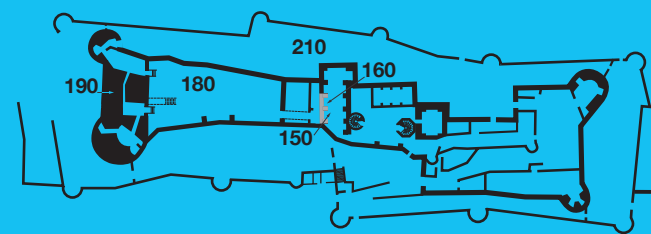
Chegamos em seguida à **capela [120]**, com a sua tribuna e uma abertura lateral, que permitia acolher mais fiéis.

Depois da capela, segue-se a **Sala dos Troféus de Caça [150]**.

Na **Sala de Armas [160]** estão expostas as diferentes alabardas, espadas, bestas e armaduras, e a cópia de um imponente fogão de sala em ladrilhos verdes envernizados, com assento aquecido incorporado.

Uma ponte levadiça atravessa o fosso que separa o edifício do lado Oeste do **jardim [180]**.

As aberturas das portas e janelas são testemunho de construções anteriores ao jardim quinhentista.



### O grande bastião

A crista permitia aos assaltantes aproximarem os seus canhões pelo lado Oeste. A fim de neutralizar este ponto fraco, foi construído o **grande bastião [190]**, para servir de escudo e garantir a defesa do edifício.

Depois da escada, uma ponte levadiça dá acesso ao terraço de artilharia.

Na monumental torre sul, as aberturas proporcionam uma vista maravilhosa sobre os Vosgos e a planície.

A partir da **torre norte** do grande bastião é possível descobrir, nos cumes vizinhos, dois castelos: Ortenberg e Frankenburg. Pode-se ver também os vales por onde passavam as caravanas de mercadores.

Compreende-se assim perfeitamente o papel estratégico desempenhado pelo castelo. O terraço está munido de cópias de canhões, que mostram a evolução da artilharia entre os séculos XV e XVII. Voltando a descer, atravessamos as casamatas<sup>2</sup> e depois, através de uma escada moderna, desembocamos nos **campos de liça, virados a norte [210]**. Estes estão delimitados, à esquerda, pela parede da muralha e pelo seu caminho de ronda coberto, e à direita pelo rochedo que suporta os muros do jardim interior. Daí, podemos ver três latrinas e o escoadouro da cozinha.

Foi edificado um contraforte para escorar o edifício e a torre de menagem, que apresentavam tendência para abrir fissuras. Desse ponto, podemos admirar a torre de menagem, quadrada logo desde a origem, que foi demolida no século XVI numa altura de duas lanças (cerca de 10 a 12 metros), e restaurada pelo arquitecto no início do século XX.

Regressando ao pátio inferior, vemos uma forja, ao lado direito, montada em 1905 para acudir às necessidades da restauração.

<sup>2</sup> **Casamata** - Local fechado, geralmente abobadado, que servia para abrigar um ou vários canhões.